

## Influência da literatura portuguesa no Brasil: *poesia garrettiana em Parnaso Maranhense*

Alana Alves Muniz  
Universidade Federal do Maranhão  
munizalana27@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0003-2235-120X>

Dilson César Devides  
Universidade Federal do Maranhão  
dilson.devides@ufma.br  
<https://orcid.org/0000-0001-8237-672X>

**RESUMO:** Devido à presença da literatura portuguesa nos escritos de autoria brasileira no século XIX, este trabalho tem como intuito estudar o Romantismo português, a partir das produções literárias de Almeida Garrett em periódicos oitocentistas maranhenses – os quais foram responsáveis pela divulgação das letras na província da época. Para tal, selecionou-se como objeto de estudo o periódico oitocentista maranhense *Parnaso Maranhense*. O presente trabalho também visa compreender, a partir dos resultados colhidos, a manifestação e influência da Literatura Portuguesa – tendo como foco escritos romântico-portugueses de Almeida Garrett – na formação da literatura nacional e, mais especificamente, da literatura maranhense. Utilizou-se como principais referências, para o estudo da imprensa maranhense, Martins (2010); para o Romantismo Português, Moisés (1980) e Abdala Jr; Paschoalin (1985); e, para citação, Compagnon (1996).

**PALAVRAS-CHAVE:** Imprensa maranhense. Romantismo português. Almeida Garrett. Epígrafe.

### INFLUENCE OF PORTUGUESE LITERATURE IN BRAZIL: GARRETTIAN POETRY IN PARNASO MARANHENSE

**ABSTRACT:** Due to the presence of Portuguese literature in writings of Brazilian authorship in the 19th century, this work aims to study Portuguese Romanticism, based on the literary productions of Almeida Garrett in 19th century periodicals in Maranhão - which were responsible for the dissemination of letters in the province of the time. To this end, the 19th-century periodical from Maranhão, *Parnaso Maranhense*, was selected as the object of study. The present work also aims to understand, based on the results obtained, the manifestation and influence of Portuguese Literature - focusing on romantic-Portuguese writings by Almeida Garrett - in the formation of national literature and, more specifically, of Maranhão literature. The main references for the study of the Maranhão press were Martins (2010); for Portuguese Romanticism Moisés (1980) and Abdala Jr; Paschoalin (1985); and to quotation Compagnon (1996).

**KEYWORDS:** Maranhão press. Portuguese romanticism. Almeida Garrett. Epigraph.



## INTRODUÇÃO

A imprensa maranhense foi responsável pela difusão da literatura no Maranhão do século XIX, publicando em seus periódicos poemas, crônicas, romances etc. Dentre os textos publicados nesse período, há a presença da literatura local, nacional e estrangeira, sendo esta última advinda de países da Europa, como Portugal, por exemplo, nação que exercia influência no Brasil, tanto no âmbito político quanto no literário. Assim, diante da profusão da literatura na imprensa maranhense oitocentista, busca-se, neste trabalho, averiguar a presença da literatura portuguesa, mais especificamente do Romantismo português, a partir da poesia garrettiana em periódicos maranhenses, mais especificamente em *Parnaso Maranhense*. Este estudo é um recorte de uma monografia produzida para o curso de Letras – Português, na Universidade Federal do Maranhão.

## O MARANHÃO DO SÉCULO XIX: IMPRENSA E LITERATURA

Os jornais que circularam no Maranhão durante o século XIX foram periódicos de significativa produção com temática político-partidária, científica e literária. Tais jornais tiveram grande influência na formação cultural e literária da sociedade maranhense da época. As publicações desses periódicos circulavam pela província tornando conhecidos muitos dos escritores da época.

A profusão de textos literários nos periódicos fez expandir-se a literatura no Maranhão oitocentista, um processo que demandou um trabalho significativo das tipografias, dos organizadores e dos literatos responsáveis pelos textos literários publicados.

Vale destacar que grande parte da população não tinha acesso a textos literários – ou o tinha de forma restrita –, fossem eles da província ou do país como um todo. Com a produção tipográfica introduzindo-se no Brasil e, mais especificamente, no Maranhão, combinada aos preços acessíveis dos jornais, a população alcançou mais fácil acesso à literatura, e a circulação e divulgação das letras tornaram-se, em certa medida, assíduas.

A produção jornalística dos oitocentos ganhou forma passando a difundir em seus números a literatura local, nacional e estrangeira. Segundo Martins (2010), o jornalismo político e literário foi responsável pela implementação das letras no Maranhão da primeira metade do século XIX, visto a forte manifestação da atividade tipográfica desse período, marcada principalmente por fatores políticos. Os jornais de cunho político cresceram significativamente na época e, com a censura dizimada, as produções ganharam espaço pelo país, motivadas pela reviravolta política marcada pelo declínio de D. Pedro I.

Era comum à época os jornais durarem pouquíssimo tempo. Segundo Castellanos (2012), a permanência dos periódicos dependia principalmente de fatores políticos e das condições das crises existentes na época em todo território brasileiro. As movimentações políticas e culturais do Maranhão foram responsáveis pela presença de numerosos jornais que serviam de palco para disputa entre conservadores e liberais, inclusive aqueles que tinham como temática as questões religiosas, industriais e até mesmo literárias.

De acordo com Araújo (2014), esse quadro de disputa política só mudou no final da década de cinquenta do século XIX, pois, até então, o jornalismo era marcado pela

banalização da linguagem e forte agressividade de pasquins representativos de políticos do Maranhão da época. A nova fase mostrou uma imprensa diversificada, com jornais que abordavam desde questões políticas a literárias.

Vale ressaltar que, na imprensa da época, era comum ter entre os diversos jornais publicados aqueles de conteúdo unicamente literários, conhecidos como revistas literárias, que marcaram a propagação da literatura no Maranhão do século XIX. Os números de tais periódicos foram responsáveis por disseminar e tornar conhecida a produção literária que crescia consideravelmente na província.

Assim, segundo Martins (2010), a imprensa instala-se e cresce, ganhando público, um parque tipográfico, edições correntes e um grupo significativo de jornalistas e homens das letras responsáveis pelas publicações de temas variados e, principalmente, de cunho político-partidário. Vale ressaltar que, entre os jornais partidários, havia uma significativa quantidade de revistas literárias que abordavam em seu conteúdo diversos temas, tais como saúde, filosofia, religião, literatura etc.

As revistas que marcaram a manifestação literária nos oitocentos foram importantes para a divulgação de escritores da época que, na maioria das vezes, não tinham recursos financeiros para publicar suas obras. Assim, além de ampliar os horizontes para os homens de letras da província, as publicações literárias nessas revistas facilitaram significativamente a difusão literária de uma nação que estava a construir sua identidade literária. É importante destacar que, além da facilidade na difusão dos textos literários, os jornais literários possibilitaram à população, de forma mais acessível, oportunidade de ler, conhecer e apreciar a poesia e a prosa brasileira e estrangeira.

Tamanha foi a importância que a imprensa ganhou na época, devido sua nova forma de disseminar notícia e literatura, que contou com jornalistas e periódicos de significativa atividade, tanto na capital, quanto nas cidades do interior. Foi grande o número de jornais e revistas que circularam na província:

A imprensa maranhense oitocentista conheceu um grande número de jornalistas e periódicos com intensa atividade não somente na capital da província, mas também pelas cidades do interior do Maranhão. Foram muitos os jornais e revistas postos em circulação, sobretudo em virtude do significativo crescimento do parque tipográfico instalado principalmente em São Luís. (MARTINS, 2010, p. 116-117)

Ademais, a maioria dos jornais e revistas publicadas no século XIX era considerada literária, não só por publicitar textos de ficção e crítica literária, mas também pela ligação existente entre o jornalismo e a literatura. Comumente havia a integração de características literárias aos gêneros jornalísticos através de imagens poéticas e citações. Entretanto, com novas técnicas, inovação e amplificação tipográficas, tal simbiose foi, no fim dos oitocentos, perdendo espaço (JUNIOR, 2006).

Assim, constata-se que o Maranhão oitocentista foi palco para muitos periódicos de cunho literário e recreativo, que disponibilizaram espaço para a produção literária da época. Mediante essas revistas e jornais “[...] o Maranhão conheceu uma profusão

incontável de verzejadores, ficcionistas, articulistas e biógrafos de homens de letras e ciências” (MARTINS, 2010, p. 122).

Percebe-se que, até então, a sociedade maranhense do século XIX ainda não havia fruído da oportunidade de conhecer e apreciar, de forma coletiva e acessível, a produção literária de seus conterrâneos. A imprensa foi palco privilegiado que possibilitou o ingresso e divulgação das letras.

Na época, havia um número significativo de periódicos locais, nacionais e estrangeiros circulando continuamente, como afirma Faria (2012). Tal autora ressalta que no Maranhão oitocentista havia sociedades literárias que se estruturavam com regularidade, como também jornais locais, noticiosos ou exclusivamente literários, e de outras províncias e países, difundindo-se regularmente. Os jornais de cunho noticioso dedicavam espaço a folhetins, em geral transladados do francês. Também eram publicados artigos de jornais nacionais e do exterior. No que se refere às obras produzidas no exterior, estas chegavam rapidamente, permitindo que o público as acompanhasse quase ao mesmo tempo em que eram lançadas nos países de onde vinham.

Ainda segundo a autora, havia obras estrangeiras que eram traduzidas e publicadas em São Luís, o que possibilitava que os letrados da capital acompanhassem a elaboração, divulgação e debate de ideais em voga tanto no Brasil, quanto na Europa e nos Estados Unidos.

Assim, com a presença de jornais políticos e literários, a imprensa maranhense ganha força e notoriedade em meados do século XIX, e suas publicações, principalmente as de conteúdo literário, foram significativas para a recepção e difusão da literatura local, nacional e estrangeira.

Diante disso, este trabalho visa compreender a manifestação literária portuguesa – mais especificamente, epígrafes de autoria de Almeida Garrett – na imprensa maranhense do século XIX, tendo como objeto de estudo o periódico intitulado *Parnaso Maranhense*. O periódico supracitado foi um importante divulgador da literatura produzida dentro e fora do país. Como jornal de cunho exclusivamente literário, *Parnaso Maranhense* reuniu poesias de vários escritores da província. As publicações tinham o intuito de preservar e expandir a literatura maranhense.

### ROMANTISMO PORTUGUÊS E ALMEIDA GARRETT

É importante salientar que a Europa foi palco para o florescimento do Romantismo, que se difundiu nos países do continente. Notadamente, Portugal também foi atingido pelos ideais românticos, no qual se estabeleceu uma nova estética literária que estava relacionada com o desenvolvimento da imprensa e com a concepção de um novo público, o burguês. Esse movimento literário buscava ignorar o clássico e focar nas novidades produzidas nos jornais:

O Romantismo português, como ocorreu nos demais países europeus, esteve associado ao desenvolvimento da imprensa e à afirmação social de um modo público-leitor: o burguês. Não temos mais uma produção que seguia os padrões

clássicos, de ideologia aristocrática, para quem não existia a história. Para o novo público, tudo é relativo e está em contínua transformação. Não lhe interessa os padrões clássicos, mas a novidade que vai ser transmitida, normalmente, pelos jornais (ABDALA JR; PASCHOALIN, 1982, p. 80).

Possuindo três fases, esse movimento literário reuniu vários escritores que contribuíram para a implementação da estética romântica que, de certa forma, não se consolidou (social e ideologicamente) como nos demais países europeus (ABDALA JR.; PASCHOALIN, 1982).

O primeiro momento do Romantismo português surgiu, então, em 1825, introduzido por Almeida Garrett, Alexandre Herculano e Feliciano de Castilho. Caracterizados por uma tradição ainda neoclássica, tais escritores foram românticos “em espírito, ideal e ação política e literária, mas ainda clássicos em muitos aspectos da obra que legaram” (MOISÉS, 2013, p. 183).

Já o segundo momento do Romantismo português ocorreu entre 1838 e 1860, caracterizando-se pela presença de escritores com total liberdade de imaginação, agindo aos extremos, totalmente sensíveis e seguindo um ideal de liberdade moral; eles ultrapassam o próprio limite estético, caracterizando-se assim como ultrarromânticos; suas poesias têm como tema o medievalismo, o tédio, a morte, a palidez, com a presença de assuntos populares e folclóricos etc.:

Os novos grupos literários emergentes nesses anos podem agora realizá-la em toda a extensão: livres para gozar o prazer da aventura no mundo da imaginação e da anarquia, acabam tomando atitudes extremas, típicas dos românticos descabelados. Com isso, praticam ao extremo o ideal romântico na parte da sensibilidade e da liberdade moral; e, sendo cem por cento românticos, ultrapassam os limites da estética, transformando-se nos chamados “ultrarromânticos” [...] purificam de tal modo as características do Romantismo que fatalmente caem no exagero e no esparramento [...] algumas tendências do decálogo romântico: temas medievais, o tédio, a melancolia, os temas soturnos e fúnebres, as morbidez atribuídas a Byron, o desespero, a morte [...] temas populares e folclóricos [...] (MOISÉS, 2013, p. 200-201).

Nomeados de ultrarromânticos, os escritores dessa fase se dividiram em três grupos: medievalistas (1838); O Trovador (1844); e O Novo Trovador (1851). Em síntese, o Ultrarromantismo português teve como figuras importantes Camilo Castelo Branco e Soares de Passos (MOISÉS, 2013).

Finalizando, o movimento literário do Romantismo em Portugal apresentou uma terceira fase, em 1860, marcada pela participação dos poetas Tomás Ribeiro, João de Deus, Xavier de Novais, Bulhão Patos e Pinheiro Chagas, e do prosador Júlio Dinis. Localizando-se nos momentos finais do Romantismo português, escritores como João de Deus purificavam ao extremo as características desse movimento já em decadência (MOISÉS, 2013).

Dentre os literatos já citados do referido movimento literário, tem-se em destaque Almeida Garrett que foi um escritor singular. Seus escritos marcam presença em *Parnaso*



*Maranhense* através de publicações epigráficas, as quais acompanham os poemas e romances de escritores brasileiros.

João Batista da Silva Leitão de Almeida Garrett nasceu em 1799, em Porto. No ano de 1816, mudou-se para Coimbra, onde cursou Direito e escreveu seus poemas, que mais tarde ganharam espaço na literatura portuguesa (MOISÉS, 1980).

Autor de *Camões* (1825) e *D. Branca* (1826), Almeida Garrett foi um dos principais escritores do romantismo português. Seu reconhecimento, assim como do movimento literário ao qual pertencia, fizeram-no popular dentro e fora de Portugal.

Garrett dedicou-se ao pensamento pedagógico e doutrinário, à oratória parlamentar, à poesia, ao jornalismo, ao teatro e à prosa. Na poesia, o autor transitou de uma fase arcádica para uma romântica. Nessa primeira fase, é notável a presença do intelectualismo e racionalismo, o que dificulta a manifestação do sentimento e da emoção, como afirma Moisés (1980):

Na poesia, Garrett evolui de uma fase arcádica, filintista [...] para uma fase romântica [...]. A primeira fase, nitidamente menos importante que a segunda, denota a aceitação duma atitude literária que marcou a carreira de Garrett: uma permanente contensão racional ou intelectual impede o desdobramento da emoção e do sentimento, e um indefectível senso de equilíbrio procura harmonizar a ordem com a aventura. Essa atitude, aprendida de permissão com as regras clássicas, não desaparece de todo até o derradeiro poema; além disso, ajuda a compreender o fato de Garrett olhar os românticos descabelados com certa reserva. (p. 167-168)

Na segunda fase da poesia garrettiana, há a presença de temas quinhentistas e medievais, folclóricos e populares e lírico-amorosos. É nessa fase que a poesia de Garrett ganha notoriedade, sendo *Folhas Caídas* (1853) a obra na qual o autor alcança o auge de intuição lírica, chegando a ser o mais romântico que conseguiu, mesmo que carregado, muitas vezes, de sentimentalismo superficial (MOISÉS, 1980).

Segundo Saraiva (1965), as novelas escritas por Almeida Garrett mostram seu lado dramaturgo. Já como poeta, o escritor progrediu do arcadismo a um romantismo passional, individualista, confessional, beirando ao escândalo:

Como poeta lírico, Garrett evoluiu de um arcadismo quase puro, friamente retórico, na *Lírica de João Mínimo* (1829), até um romantismo individualista, passional e confessional, quase escandalizador, que pela violência dolorosa se aproxima dos poemas de José Anastácio da Cunha (SARAIVA, 1965, p. 123).

Assim, através de uma escrita que abrange fases, Almeida Garrett ganha destaque em Portugal e em outros países. No Brasil, é notória sua presença, que pode ser vista principalmente no jornalismo literário.

Em *Parnaso Maranhense*, tal autor se manifesta de maneira ímpar: suas publicações apresentam-se exclusivamente em forma de citações epigráficas. Sendo assim, o romantismo garrettiano ganha forma através de sua introdução em textos de autoria brasileira presentes na imprensa maranhense do século XIX.

## EPÍGRAFES ROMÂNTICAS PORTUGUESAS EM PARNASO MARANHENSE: ALMEIDA GARRETT

Segundo Compagnon (1996), citação é todo texto escrito/materializado – posto em papel, escrito, ou até mesmo apenas lido/mencionado. Assim, ambas as modalidades (leitura e escrita), quando postas juntas, ou mesmo separadas, representam o ato de citar. Quando é realizado o ato de escrever, realiza-se também o ato de citar, visto que ao escrever o sujeito está reescrevendo, já que todo texto já fora antes escrito, dito, não sendo “[...] simplesmente uma cópia, mas uma tradução, uma citação” (COMPAGNON, 1996, p. 42).

O texto citado deixa de ter significado sozinho e passa, no processo de junção a outro texto, a ter novo significado (COMPAGNON, 1996). Nesse processo de junção de textos diferentes, postos um sobre o outro, surge a epígrafe, espécie de citação a qual aparece comumente sobre o texto, seja ele um poema, uma crônica ou até mesmo um romance, com o objetivo de iniciar, introduzir o texto principal. Sendo assim, a epígrafe citada é utilizada com o intuito de resumir o texto a ser apresentado. Geralmente, esses dois textos apresentam pontos em comum, abordando temas semelhantes que juntos, texto e epígrafe, ganham um significado singular que sozinhos não lhes seria possível.

Segundo Compagnon (1996), o ato de citar tem como intuito convidar, provocar para a leitura, visto que o contato inicial é com a citação que antecede o texto. Assim, sua função convidativa busca cativar e entreter o leitor para que este não abandone a leitura. Ainda segundo a visão do autor, as citações, quando mencionadas em algum texto, configuram trechos que foram lidos e apreciados, tendo em vista que eles foram utilizados nessas produções, pois “[...] as frases que leio, aquelas que me prendem e que afixo no meu mostruário, com certeza eu as cito” (COMPAGNON, 1996, p. 13-14).

Assim, percebe-se que as epígrafes de Garrett utilizadas por Serra, Alvares e Cantanhede demonstram a presença da literatura portuguesa na leitura desses autores, tendo em vista que eles se utilizaram de epígrafes dos textos do autor português como amparo na introdução de sua escrita.

A epígrafe, prática que começou a ser utilizada na literatura a partir do século XVI, mas que se tornou popular apenas no século XVIII (MAGALHÃES, 2011), consiste em textos que são postos em início de poemas, crônicas, romances, a fim de introduzi-los. A citação, que também pode ser posta logo no início de um determinado texto em forma de epígrafe, tem como objetivo adentrar um outro texto e trabalhar com ele para que ambos – texto citado e texto produzido – ganhem significado. Assim, destaca-se que a epígrafe é uma espécie de citação, devido à sua função de introduzir/resumir um determinado texto.

Presentes na literatura, as epígrafes vêm acompanhando textos por séculos. Muitos desses textos literários eram difundidos principalmente na/pela imprensa, tendo como autoria escritores renomados da época.

Em *Parnaso Maranhense*, Almeida Garrett tem sua produção destacada no início de poemas, sendo citado por autores maranhenses, tais como Joaquim Serra, em *Scimando*;

Huno Alvares, em *Meu Passado*; e F. Wenescop Cantanhede, em *Deixou-me só!*... As produções desses autores, juntamente com as epígrafes de Almeida Garrett, serão analisadas a seguir, a fim de compreender seus aspectos e influências.

Na página 170 de *Parnaso Maranhense*, a poesia garrettiana é apresentada introduzindo o poema *Scimando*, de Joaquim Serra:

Por ti só os meos sentidos  
 Todos n'um confundidos  
 Amão, gemem, suspirão  
 Em ti e por ti delirão.  
 (*Parnaso Maranhense*, p. 170, 1861)

Nesse caso, a epígrafe de Garrett aborda em poucas palavras a hipérbole da conversão de múltiplas coisas em uma só – um sentimento, uma pessoa. Os sentidos do eu lírico da epígrafe não são esclarecidos, tudo o que ele afirma é que estes se confundem num só: o amor incessante e incontrolável. Por isso, cria-se a impressão de que o sujeito vive apenas pela pessoa amada, por ela respira, suspira e delira.

Como já mencionado, essa epígrafe introduz o poema *Scismando*, de Joaquim Serra. A seguir, a transcrição do poema:

Quando a noute vae alta e serena,  
 E que as ondas solução na plaga,  
 Quando a lua tranquilla divaga  
 Pelos campos ceruleos do ceo;  
 Quando canta na densa floresta  
 Sururina o seu canto tremido  
 E que sente-se o doce arruido  
 Da palmeira que ao venlo gemeu;

Quando em horas que rompe a alvorada  
 E que fogem para o monte as neblinas,  
 E que vê-se brilhar nas colunas  
 Orvalhado e fragranle o jasmim;  
 E com o sol, inda occullo nos mares,  
 Purpurisa-se o ceo do oriente,  
 E que ludo desperta contente  
 Aos reclamos do dia por fim;

Quando em dubio crepúsculo da tarde  
 Pelos campos a sombra se estende,  
 E na beira da estrada desprende  
 Sonorosa harmonia a perdiz;  
 E que se ouve distincto o murmúrio  
 Do ribeiro que manso deslisa,  
 E que traz só perfumes a brisa  
 Ao passar pelo floreo tapiz;

N'essas horas eu penso, meu anjo,  
 Só em ti, no teu rosto e doçura;  
 Na harmonia de toda a natura  
 N'essas horas eu só vejo a ti!  
 Quer as horas saudosas da tarde,  
 Ou o silencio da noute calada,  
 Ou o alegre romper da alvorada,  
 Tudo falia o teu nome e sorri!...

Para ti é que as flores vicejão,  
 Para ti os suspiros da brisa,  
 E minha alma que assim sympathisa



Com taes scenas, por ti as cantou !  
 Para ti da manhã o sorriso,  
 O mysterio do denso arvoredado,  
 E da lua o amoroso segredo,  
 E o hymno que a ave enlôou !

Para ti, meu pensar incessante,  
 As vigílias que passo scismando,  
 Os castellos que levo sonhando  
 Onde vejo a ti só, teu amor!  
 Para ti meu amor de poeta,  
 Minha lyra vibrada com alma,  
 Para li a mais fulgida palma,  
 Se na lucta eu sahir vencedor!

Para mim teus sorrisos amantes,  
 Teus olhares os mais expressivos,  
 Para mim não mais modos esquivos,  
 Só ternura, carinho e paixão !  
 Para mim todos teus pensamentos,  
 E a jura de seres só minha,  
 E a ventura que a mente advinha  
 Que é esse o maior galardão!

(*Parnaso Maranhense*, p. 170-172, 1861)

Nesse poema, Serra detalha semelhante sensação descrita na epígrafe acima, utilizando o suspense na descrição extensa e metafórica do ambiente, para no final tudo convergir na figura da amada. Os seres vivos, os fenômenos da natureza e a mudança do tempo – “Quando a noute vae alta e serena,/ E que as ondas solução na plaga,/ Quando a lua tranquilla divaga/ Pelos campos ceruleos do ceo;” (*Parnaso Maranhense*, p. 170, 1861) –, passam a existir como que para a pessoa de que o poema fala (a pessoa amada), como demonstra a estrofe 4 descrita abaixo:

N’essas horas eu penso, meu anjo,  
 Só em ti, no teu rosto e doçura;  
 Na harmonia de toda a natura  
 N’essas horas eu só vejo a ti!  
 Quer as horas saudosas da tarde,  
 Ou o silencio da noute calada,  
 Ou o alegre romper da alvorada,  
 Tudo falla o teu nome e sorri!...  
 (*Parnaso Maranhense*, 1861, p. 171)

A vivacidade do texto está somente nesses acontecimentos e seres – a noite que é alta e serena, as ondas que soluçam, a lua tranquila e divagante, as neblinas que fogem –, e a ação do eu lírico do poema se configura apenas no pensamento, na imaginação e no sonho: “Nessas horas eu penso, meu anjo” (SERRA, 1861, p. 171). A amada aparece apenas nas fantasias e lembranças do poeta, e a forma encontrada para conquistá-la é apenas escrevendo.

Para ti meu amor de poeta,  
 Minha lyra vibrada com alma,  
 Para ti a mais fulgida palma,  
 Se na lucta eu sahir vencedor!  
 (*Parnaso Maranhense*, 1861, p. 171)

Assim, Serra utiliza-se da epígrafe de Garrett como mote para o poema, reescreve a ideia do amor platônico sob um novo ponto de vista, que se baseia em múltiplos elementos da natureza apenas para evidenciar o ultrarromantismo de sua produção.

Percebe-se, então, que a utilização da epígrafe de Almeida Garrett toma um novo significado junto ao texto de Joaquim Serra, pois sozinha ela poderia ser interpretada de uma outra forma, visto que é um texto pequeno, curto e de fácil compreensão. Mas, ao ler a citação garrettiana juntamente com o poema de Serra, percebe-se que esse ganha um novo significado e até mais extenso. O uso de citação infere que ela ganhará um novo sentido junto ao texto ao qual foi inserida, como aponta Compagnon:

O mesmo objeto, a mesma palavra muda de sentido segundo a força que se apropria dela: ela tem tanto sentido quantas são as forças suscetíveis de se apoderar dela. O sentido da citação seria, pois, a relação instantânea da coisa com a força real que a impulsiona. (COMPAGNON, 1996, p. 48)

É importante salientar, como já destacado anteriormente, que a epígrafe, espécie de citação introdutória, visa principiar o texto seguinte de modo a informar ao leitor o conteúdo a ser abordado, tendo como função manter a atenção e interesse para que a leitura não seja interrompida. Sendo assim, deve ser escolhida com base em seu conteúdo, de forma que dialogue com o texto principal, e é o que ocorre nos textos expostos acima. A epígrafe de Garrett aborda, mesmo que de forma sintetizada, o mesmo tema do texto de Serra, este último apresentado de forma mais extensa.

No poema *Meu Passado*, de Huno Alvares, também há a presença de epígrafe de Almeida Garrett. Abaixo, a transcrição da epígrafe:

O homem não tem senão o passado  
e o futuro; o passado para chorar, futuro para temer.  
(*Parnaso Maranhense*, p. 226, 1861)

Nesta segunda epígrafe de Garrett há a menção ao tempo – especificamente passado e futuro. O poema *Meu Passado* também aprofunda esse pensamento, seguindo uma linha de raciocínio parecida com a de Garrett: lamentar o passado, temer o futuro, como consta na transcrição do poema a seguir:

Se volto os olhos ao passado, virgem,  
Nas minhas faces se regéla o pranto;  
Ima saudade me aquebranla as forças,  
Saudade, virgem, de um soffrer bem santo !

Não vejo em roda primavera e risos,  
Não vejo as graças que adornavam a infância,  
Não vejo os campos, os vergeis, as flores,  
Não vejo nada; que cruel mudança !

Não vejo o rio desusando manso,  
Não vejo mansa deslisar-se a ygára,  
E a esmo o índio modulando òs cantos,  
Da doce pátria, que lhe é tão chara !

Não vejo o fumo que se ergue ao longe  
Em erma choça que a virtude habita;  
Somente sinto no baler do peito  
A dor da morte que me ahi palpita !

Rio de Janeiro, 1859.  
(*Parnaso Maranhense*, p. 226, 1861)

Percebe-se que o eu lírico de Alvares só visualiza no passado a tristeza, pois supostamente os bons tempos se passaram. Também personifica seres inanimados (saudade que aquebranta as forças, rio que desliza manso, fumo que se ergue) como recurso para evidenciar os sentimentos do sujeito do poema, para incluir o leitor na trama. A nostalgia o envolve e por mais que se recorde dos acontecimentos felizes da juventude, da simplicidade do passado, isso o atinge de forma melancólica. O que antes era motivo de prazer e alegria, torna-se depois saudade e tristeza:

Se volto os olhos ao passado, virgem,  
Nas minhas faces se regéla o pranto;  
Uma saudade me aquebranta as forças,  
Saudade, virgem, de um sofrer bem santo!  
(*Parnaso Maranhense*, 1861, p. 226)

Ter vivido uma vida aparentemente boa não parece satisfazê-lo, e não se pode saber se ele é feliz no tempo em que é produzido o poema. Contudo, talvez a constante preocupação em rememorar o passado faça com que esse sujeito se sinta infeliz quando não é: ao olhar para trás, ele não consegue viver o presente. O presente, assim como na epígrafe de Garrett, parece não existir. O sujeito do poema é cercado pela tristeza de um passado que não pode ser revivido e pelo medo de um futuro incerto, cuja única certeza é a da morte. O leitor é convidado a se envolver nesse sentimento claustrofóbico de amargura e temor, onde não há esperança. Assim, presente e passado confundem-se, já que o eu lírico perde-se no tempo amargurado que outrora existiu.

Pode-se considerar, porém, que a epígrafe que introduz o poema acima analisado guarda um outro possível sentido: a tristeza deve ficar no passado e o medo no futuro; assim, o presente é para ser vivido, apreciado, comemorado. Sendo curto, esse trecho pode assim ser entendido. Também o poema é curto, mas envolto pela descrição pesarosa do eu lírico, o que não possibilita uma visão otimista do leitor. Desse modo, o recorte de Garrett pode ter sido ressignificado no texto de Alvares, complementado por uma perspectiva mais angustiante, fazendo com que ambos os textos se complementem e ganhem significado.

No poema *Deixou-me só!...*, de F. Wenesco Cantanhede, há uma epígrafe de Garrett:

Quando na praia já, sem luz me deixas!  
(*Parnaso Maranhense*, p. 237, 1861)

A epígrafe acima é bastante subjetiva e permite múltiplas interpretações. A luz de que Garrett fala pode ser entendida em sentido denotativo e conotativo, mas levando em conta o caráter poético, ressalta-se o valor figurativo, de uma luz simbólica. Mas o que seria essa luz? A pessoa amada, os sentimentos dela pelo eu lírico, rejeição: os sentimentos do eu lírico que foram de alguma forma menosprezados pela amada, dentre outras possibilidades. A praia também pode ter duplo sentido: o lugar em si, ou um estado de espírito que representa um lugar pacífico, calmo, confortável. Cantanhede optou por se-

guir um curso parecido em *Deixou-me só!*..., poema entrelaçado de significados ambíguos que podem ser difíceis de se entender à primeira leitura.

Vejam os a seguir o poema:

Como era amena a tarde !  
Meditando Eu a vi na collina predilecta  
Do Ilapecurú á margem linda  
Ao pôr do sol.

Os seus olhos lão vivos, tão brilhantes,  
Agora meio mortos se volvião  
Com mágica expressão por sobre as águas  
Do rio plácido.

E eu do meu barquinho, que nadava  
Da molle correnteza á cortezia,  
No fundo ajoelhei-me, ardendo o peilo  
D'amor nas fragoas...

Os olhos fixos no semblante angélico  
Orava em 'spirilo lhe adorando a imagem;  
Era a minha oração—intima, ardente:  
—« Dálila ! eu le amo.. .

Emfim—almo prazer ! os negros olhos  
Se volvem sobre os meus; na face pallida  
Assoma a rosa; e lhe roça os lábios  
Meigo sorriso...

Mas oh! fugaz ventura ! como o fumo  
Assim se dissipou minha esperança. .  
Inda ésla vez—medrosa ! já tão perto.  
Deixou-me só !

Caxias, 14 de Agosto de 1860..  
(*Parnaso Maranhense*, p. 237-238, 1861)

Através de adjetivos à exaustão, o sujeito do poema oculta as características da amada, descrevendo-a de forma vaga, talvez porque ela se manifeste na figura de uma pessoa distante, que está nas “colinas”. Tão inalcançável é a amada que o eu lírico a adora como a uma santa, que está longe, e o trecho também lembra as tradições de navegação e histórias religiosas em que marinheiros viam imagens santas que indicavam para onde deveriam ir:

Os olhos fixos no semblante angélico  
Orava em 'spirito lhe adorando a imagem;  
Era a minha oração—intima, ardente:  
—« Dálila! eu te amo...

(*Parnaso Maranhense*, p. 237, 1861)

O eu lírico quase consegue alcançá-la, consumir seu amor, mas a moça – “medrosa”, vai embora e o deixa só: “Inda ésla vez—medrosa! já tão perto. Deixou-me só!” (*Parnaso Maranhense*, p. 237, 1861). Nesse caso, o poema se encaminha para o sentido do abandono, que também está presente na epígrafe. A possível amada dos dois textos é comparada sutilmente – algo que talvez não seja compreendido senão após várias leituras – a um farol na praia, que representa luz, estabilidade, vitória para os “navegantes”. O “deixar só” de que os dois sujeitos falam pode ser relacionado ao movimento de rotação da luz dos faróis, mas no poema, há mais descrições que atestam essa semelhança – os olhos vivos e brilhantes, que meio mortos se volvem, passam pelo rio e atingem o eu líri-

co. Portanto, os dois autores utilizam a metáfora do estado de amor que se parece a uma praia, em que a amada é o farol que pode lhes dar a tão desejada terra, a permanência, o lugar fixo onde podem ficar, mas que, ao final, os abandonam.

Sendo assim, nesse poema de Cantanhede, percebe-se as semelhanças entre epígrafe e poema. Ambos descrevem os mesmos sentimentos, vividos de forma parecida. Apesar do curto tamanho da epígrafe, sua junção com o poema faz surgir uma nova interpretação, pois ambos estão atrelados um ao outro de modo a obterem um significado semelhante.

Assim, Cantanhede introduz de forma sutil e curta seu poema, utilizando-se da maestria, mesmo que breve, de Garrett “Quando na praia já, sem luz me deixas!” (*Parnaso Maranhense*, p. 237, 1861). Esse trecho, caso inserido sozinho, não possuiria o mesmo significado quanto posto junto com a poesia de Cantanhede, tampouco poderia vir a ter uma interpretação mais extensa, como a apresentada acima. A introdução de Garrett no poema de Cantanhede faz surgir um contexto. Sendo assim, ambos se iniciam e concluem-se juntos.

Diante disso, percebe-se que a presença das epígrafes garrettianas em poemas de autoria brasileira mostra a influência literária do escritor português na produção escrita de nossos literatos, pois “[...] as frases que leio, aquelas que me prendem e que afixo no meu mostruário, com certeza eu as cito” (COMPAGNON, 1996, p. 13-14).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como intuito analisar a presença da literatura portuguesa no jornalismo literário maranhense do século XIX, mais especificamente o Romantismo português em *Parnaso Maranhense*, jornal literário que divulgou poemas de vários escritores maranhenses da época. Constatou-se que os autores brasileiros dos oitocentos ainda mantinham certa influência da literatura advinda de Portugal, fato visto ao encontrar-se epígrafes de Almeida Garrett no periódico aqui estudado.

A maioria dos textos encontrados correspondia apenas a epígrafes do Romantismo português, em específico, da autoria de Almeida Garrett. Assim, entende-se que o ideário romântico serviu de inspiração aos escritores maranhenses, o que é notório já que estes usaram epígrafes com textos de Almeida Garrett como forma de introduzir e inspirar sua própria escrita.

*Parnaso Maranhense* mostrou a influência ainda presente de Portugal na literatura maranhense, visto que nele apresentaram-se também escritores portugueses de outros movimentos literários. O Romantismo parece ter norteado os textos presentes no periódico, pois, além dos autores do Romantismo português, estão presentes tantos outros de diferentes nacionalidades, como da França, por exemplo.

Portanto, nota-se que o periódico analisado nesta pesquisa visava apresentar escritores maranhenses, conhecidos e desconhecidos do público da época, alguns destes apresentando em suas publicações trechos de escritos de autores portugueses, como forma de introduzir seus poemas. Conclui-se, então, que a literatura portuguesa, especificamente o Romantismo, ainda se fazia presente entre os escritores maranhenses, servindo-lhes de inspiração literária.



## REFERÊNCIAS

- ABDALA JÚNIOR, B.; PASCHOALIN, M. A. **História social da literatura portuguesa**. 2ª edição, São Paulo: Ática, 1985.
- ARAÚJO, Johny Santana de. A imprensa no Maranhão na segunda metade do século XIX: Estado imperial, jornais e a divulgação da guerra do Paraguai para um público leitor. **Dimensões**, Vitória, vol. 33, 2014, p. 360-383. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/9110>>. Acesso em: 17 de mar de 2020.
- CASTELLANOS, Samuel Luis Velázquez. Os livros escolares nos jornais maranhenses no período imperial. In: SANTOS, Jarina Serra. **A representatividade dos livros de leitura de autores maranhense no jornal O Paiz (1863-1889)**. 2018. 85. f. Monografia – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018. Disponível em: <<https://monografias.ufma.br/jspui/handle/123456789/2819>>. Acesso em: 07 de mar de 2020.
- COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- FARIA, Regina Helena Martins de. **Mundos do trabalho no Maranhão oitocentista: os descaminhos da liberdade**. São Luís: EDUFMA, 2012.
- JUNIOR, A. S. S. Da literatura ao jornalismo: periódicos brasileiros do século XIX. **Patrimônio e memória**, Assis, v. 2, n. 2, p. 126-145, 2006. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/95/449>> Acesso em: 22 de mar de 2020.
- MAGALHÃES, Anderson Salvaterra. Fundamentos éticos da esfera discursiva da imprensa no Brasil: um jogo de epígrafes e memórias. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, vol. 50, n. 1, p. 27-43, jan./jun. 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-18132011000100002>>. Acesso em: 22 de abr de 2020.
- MARTINS, Ricardo André Ferreira. Breve panorama histórico da imprensa literária no maranhão oitocentista. **Animus - Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, Santa Maria, v. 9, n. 18, jul./dez. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/animus/article/viewFile/2442/2518>> Acesso em: 17 de mar de 2020.
- MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 1980.
- Parnaso Maranhense – Coleção de poesias**. São Luís: MA, Typ. Do progresso de sanctanna, 1861. Disponível em: <[http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc\\_bpbl/acervo\\_digital/arq\\_ad/20170224122554.pdf](http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc_bpbl/acervo_digital/arq_ad/20170224122554.pdf)> Acesso em: 10 jun. 2020.
- SARAIVA, António José. **História da Literatura Portuguesa**. 8ed. [s.l.]: Publicações Europa América, 1965.